

TEXTOS BÁSICOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Director:

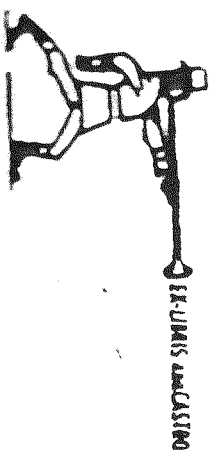
OTÁVIO GUILHERME VELHO

# O FENÔMENO URBANO

*Organização e Introdução de*

OTÁVIO GUILHERME VELHO

*2.<sup>a</sup> edição*



ZAHAR EDITORES  
RIO DE JANEIRO



o que é a cidade

## A CIDADDE: SUGESTÕES PARA A INVESTI- GAÇÃO DO COMPORTAMENTO HUMANO NO MEIO URBANO \*

ROBERT EZRA PARK

Tradução de SÉRGIO MAGALHÃES SANTEIRO

Segundo o ponto de vista deste artigo, a cidade é algo mais do que um amontoado de homens, indivíduos e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc.; algo mais também do que uma mera consagração de instituições e dispositivos administrativos — tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana.

A cidade, como Oswald Spengler observou recentemente, tem sua cultura própria: "A cidade é, para o homem civilizado, o que é a casa para o camponês. Assim como a casa tem seus deuses lares, também a cidade tem sua divindade protetora, seu santo local. A cidade, como a choupana do camponês, também tem suas raízes no solo".<sup>1</sup>

Em tempos recentes a cidade tem sido estudada segundo o ponto de vista de sua geografia, e ainda mais recentemente

\* *American Journal of Sociology*, XX (março, 1916), pp. 577-612.

<sup>1</sup> Oswald Spengler, *Der Untergang des Abendlandes*, IV (Munique, 1922), 104.

segundo o ponto de vista de sua ecologia. Existem forças atuando dentro dos limites da comunidade urbana — na verdade, dentro dos limites de qualquer área de habitação humana — forças que tendem a ocasionar um agrupamento típico e ordenado de sua população e instituições. A ciência que procura isolar estes fatores, e descrever as constelações típicas de pessoas e instituições produzidas pela operação conjunta de tais forças, chamamos *Ecologia Humana*, que se distingue da *Ecologia* dos animais e plantas.

Transporte e comunicação, linhas de bonde e telefones, jornais e publicidade, construções de aço e elevadores — na verdade, todas as coisas que tendem a ocasionar a um mesmo tempo maior mobilidade e maior concentração de populações urbanas — são fatores primários na organização ecológica da cidade.

Entretanto, a cidade não é apenas uma unidade geográfica e ecológica; ao mesmo tempo, é uma unidade econômica. A organização econômica da cidade baseia-se na divisão do trabalho. A multiplicação de ocupações e profissões dentro dos limites da população urbana é um dos mais notáveis e menos entendidos aspectos da vida citadina moderna. Sob este ponto de vista podemos, se quisermos, pensar na cidade, vale dizer, o lugar e a gente, com todos os dispositivos de administração e maquinaria que compreendem, como sendo organicamente relacionada; uma espécie de mecanismo psicofísico no qual e através do qual os interesses políticos e particulares encontram expressão não só coletiva, mas também incorporada.

Muito do que normalmente consideramos como a cidade — seu estatuto, organização formal, edifícios, trilhos de rua, e assim por diante — é, ou parece ser, mero artefato. Mas essas coisas em si mesmas são utilidades, dispositivos advéuticos que somente se tornam parte da cidade viva quando, e enquanto, se interligam através do uso e costume, como uma ferramenta na mão do homem, com as forças vitais residentes nos indivíduos e na comunidade.

Finalmente, a cidade é o *habitat* natural do homem civilizado. Por essa razão, ela é uma área cultural caracterizada pelo seu próprio tipo cultural peculiar.

"É um fato bastante certo, mas nunca inteiramente reconhecido", diz Spengler, "que todas as grandes culturas nasceram na cidade. O homem proeminentemente da segunda geração é um animal construtor de cidades. Este é o critério efetivo da história mundial, distinta da história da humanidade: história mundial é a história dos homens da cidade. As nações,

os governos, a política e as religiões — todos se apóiam no fenômeno básico da existência humana, a cidade".<sup>2</sup>

Até o presente, a Antropologia, a ciência do homem, tem-se preocupado principalmente com o estudo dos povos primitivos. Mas o homem civilizado é um objeto de investigação igualmente interessante, e ao mesmo tempo sua vida é mais aberta à observação e ao estudo. A vida e a cultura urbanas são mais variadas, sutis e complicadas, mas os motivos fundamentais são os mesmos nos dois casos. Os mesmos pacentes métodos de observação dependidos por antropólogos tais como Boas e Lowie no estudo da vida e maneiras do índio norte-americano deveriam ser empregados ainda com maior sucesso na investigação dos costumes, crenças, práticas sociais, e concepções gerais de vida que prevalecem em Little Italy, ou no baixo North Side de Chicago, ou no registro dos *folkways* mais sofisticados dos habitantes de Greenwich Village e da vizinhança de Washington Square em Nova York.

Estamos em débito principalmente com os escritores de ficção em nosso conhecimento mais íntimo da vida urbana contemporânea. Mas a vida de nossas cidades requer um estudo mais inquisidor e desinteressado do que mesmo o que nos deu Emilie Zola nos seus romances "experimentais" e nos anais da família Rougon-Macquart.

Precisamos de tais estudos quando mais não seja para nos habilitar a ler os jornais inteligentemente. O motivo para que a crônica diária dos jornais seja tão chocante, e ao mesmo tempo tão fascinante, para o leitor médio, é que o leitor médio conhece muito pouco a vida da qual o jornal é o registro.

Pretendemos com as observações que seguem definir um ponto de vista e indicar um programa para o estudo da vida urbana: sua organização física, suas ocupações e sua cultura.

### I. A PLANTA DA CIDADE E A ORGANIZAÇÃO LOCAL

A cidade, especialmente a cidade americana moderna, surge ao primeiro momento por ser tão pouco um produto dos processos sem artifícios da natureza e do crescimento, sendo difícil reconhecê-la como uma entidade viva. A planta do terreno da maioria das cidades americanas, por exemplo, é um tabuleiro de xadrez. A unidade de distância é o quarteirão. Essa forma geométrica sugere que a cidade seja uma construção puramente artificial que possivelmente poderia ser separada e reagrupada como uma casa de blocos.

<sup>2</sup> Oswald Spengler, *Der Untergang des Abendlandes*, IV, 106.

A verdade, entretanto, é que a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra. É a estrutura da cidade que primeiro nos impressiona por sua vastidão e complexidade visíveis. Mas, não obstante, essa estrutura tem suas bases na natureza humana, de que é uma expressão. Por outro lado, essa enorme organização que se erigiu em resposta às necessidades de seus habitantes, uma vez formada, impõe-se a eles como um fato externo bruto, e por seu turno os forma de acordo com o projeto e interesses nela incorporados. Estrutura e tradição são aspectos apenas diferentes de um complexo cultural comum que determina o que é característico e peculiar na cidade, em contraste com a vida em aldeia, e a vida nos campos abertos.

A planta da cidade — Por ter a cidade uma vida propriamente sua é que existe um limite para as modificações arbitrárias possíveis de se fazer: 1) em sua estrutura e 2) em sua ordem moral.

Por exemplo, a planta da cidade estabelece metas e limites, fixa de maneira geral a localização e o caráter das construções da cidade, e impõe aos edifícios levantados pela iniciativa privada bem como pela autoridade pública uma arrumação ordenada dentro da área citadina. Entretanto, dentro das limitações prescritas, os inevitáveis processos da natureza humana continuam a dar a essas regiões e a esses edifícios um caráter menos fácil de controlar. Sob nosso sistema de aprovação individual, por exemplo, não é possível determinar com antecedência a extensão da concentração da população capaz de ocorrer em qualquer área dada. A cidade não pode fixar o valor da terra, e deixamos ao empreendimento privado a maior parte da tarefa de determinar os limites da cidade e a localização de suas zonas industrial e residencial. Gostos e conveniência pessoais, interesses vocacionais e econômicos tendem infalivelmente a segregar e por conseguinte a classificar as populações das grandes cidades. Dessa forma a cidade adquire uma organização e distribuição da população que nem é planejada nem controlada.

A Bell Telephone Company está atualmente realizando, especialmente em Nova York e Chicago, elaboradas investigações, cujo propósito é determinar, além de suas mudanças elementares, o crescimento e distribuição prováveis da população urbana dentro das áreas metropolitanas. A Russell Sage Founda-

tion, no decorrer de seus estudos de planejamento de cidades, procurou descobrir fórmulas matemáticas que lhe habilitassem a prever a expansão e limites futuros da população da cidade de Nova York. O recente desenvolvimento das cadeias de lojas tornou o problema de localização um assunto de preocupação para diversas empresas de cadeias de lojas. O resultado foi o aparecimento de uma nova profissão.

Existe atualmente uma classe de peritos cuja única ocupação consiste em descobrir e localizar, com algo de acuidade científica, restaurantes, tabacarias, drogarias e outras pequenas unidades de negócios varejistas menores cujo sucesso depende largamente da localização, levantando as mudanças que as tendências presentes parecem capazes de produzir. Com certa frequência, os investidores se dispõem a financiar um negócio local desse tipo em localizações que acreditam serão proveitosas, aceitando como alíquel uma percentagem nos lucros.

A geografia física, as vantagens e desvantagens naturais, inclusive meios de transporte, determinam com antecedência o esboço geral da planta urbana. Crescendo a cidade em população, as influências de simpatia, rivalidade e necessidade econômica mais sutis tendem a controlar a distribuição da população. Comércio e indústria buscam localizações vantajosas circundando-se de certas partes da população. Surgem quarteirões de residências elegantes, dos quais são excluídas as classes mais pobres em virtude do aceso valor da terra. Crescem então cortijos que são habitados por grandes números das classes pobres incapazes de se defenderem da associação com marginais e viciados.

Através dos tempos, todo setor e quarteirão da cidade assume algo do caráter e das qualidades de seus habitantes. Cada parte da cidade tomada em separado inevitavelmente se cobre com os sentimentos peculiares à sua população. Como efeito disso, o que a princípio era simples expressão geográfica converte-se em vizinhança, isto é, uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua. Dentro dessa vizinhança a continuidade dos processos históricos é de alguma forma mantida. O passado se impõe ao presente, e a vida de qualquer localidade se movimenta com um certo momento próprio, mais ou menos independente do círculo da vida e interesses mais amplos a seu redor.

A organização da cidade, o caráter do meio urbano e da disciplina por ele imposta são em última análise determinados pelo tamanho da população, sua concentração e distribuição dentro da área citadina. Por esse motivo, é importante estudar o crescimento das cidades, comparar as idiossincrasias na

distribuição das populações citadinas. Portanto, algumas das primeiras coisas que queremos saber a respeito da cidade são:

Quais os recursos da população da cidade?

Que parte de seu crescimento populacional é normal, isto é, devido a excesso de nascimentos sobre mortes?

Que parte é devida a migração: a) de contingentes nativos?; b) de contingentes estrangeiros?

Quais as áreas "naturais" notáveis, isto é, as áreas de segregação populacional?

Como a distribuição da população dentro da área citadina é afetada por: a) interesse econômico, isto é, valor da terra?; b) por interesse sentimental, raça, vocação etc.?

Onde, dentro da cidade, se observa declínio populacional? Onde se observa expansão?

Onde é que o crescimento populacional e o tamanho das famílias em diferentes áreas naturais da cidade se correlacionam com nascimentos e mortes, com casamentos e divórcios, com aluguéis de casa e padrões de vida?

A vizinhança. — Proximidade e contato entre vizinhos são as bases para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização da vida citadina. Interesses e associações locais desenvolvem sentimento local e, sob um sistema que faz da residência a base da participação no Governo, a vizinhança passa a ser a base do controle político. Na organização social e política da cidade, é ela a menor unidade local.

Seguramente um dos mais notáveis de todos os fatos sociais é que, remontando a eras imemoriais, devesse existir esse entendimento instintivo de que o homem que estabelece seu lar a seu lado começa a fazer jus ao seu senso de camaradagem... A vizinhança é uma unidade social que, por sua clara definição de contornos, sua porção orgânica interna, suas reações imediatas, pode ser justamente considerada como funcionando à semelhança da mente social... O chefe local, apesar de poder ser autoocrático na esfera mais ampla da cidade com o poder que adquire da vizinhança, deve sempre ser do povo e para o povo; e é muito cauteloso em não tentar deprecionar o povo local enquanto seus interesses locais estiverem em jogo. É difícil enganar uma vizinhança a respeito de seus próprios interesses.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Robert A. Woods, "The Neighborhood in Social Reconstruction", *Papers and Proceedings of the Eighth Annual Meeting of the American Sociological Society*, 1913.

A vizinhança existe sem organização formal. A sociedade de aperfeiçoamento local é uma estrutura erigida nas bases da organização de vizinhança espontânea e existe com o propósito de dar expressão ao sentimento local face a assuntos de interesse local.

Sob as complexas influências da vida de cidade, o que se pode chamar de sentimento normal de vizinhança tem sofrido muitas mudanças curiosas e interessantes, tendo produzido muitos tipos injustados de comunidades locais. Mais do que isso, existem vizinhanças nascentes e vizinhanças em processo de dissolução. Considere-se, por exemplo, a Quinta Avenida em Nova York, que provavelmente nunca teve uma associação de aperfeiçoamento, e comparem-na com a Rua 135 no Bronx (onde a população negra está provavelmente mais concentrada do que em qualquer outro ponto do mundo), que rapidamente se transforma numa comunidade muito intensa e altamente organizada.

Na história de Nova York a significância do nome Harlem vem mudando do alemão para o irlandês, para o judeu e bem mais rápido. Dessas mudanças a última se processou de modo mais rápido. Através da América de cor, de Massachusetts ao Mississipi, e atravessando o continente até Los Angeles e Seattle, seu nome, que nos últimos quinze anos raramente se ouvia, representa agora a metrópole negra. De fato, o Harlem é a grande Meca para o gozador, o curioso, o aventureiro, o empreendedor, o ambicioso e o talentoso do mundo negro; pois seu atrativo já atingiu todas as ilhas do mar das Antilhas, tendo penetrado mesmo na África.<sup>4</sup>

É importante saber quais são as forças que tendem a dissolver as tensões, os interesses e os sentimentos que conferem às vizinhanças seu caráter individual. Em geral, pode-se dizer que sejam tudo e qualquer coisa que tenda a deixar a população instável, a dividir e concentrar atenções sobre objetos de interesse amplamente separados.

— Que parte da população é flutuante?

De que elementos, isto é, raças, classes etc. se compõe essa população?

Quantas pessoas moram em hotéis, apartamentos ou casas alugadas?

Quantas pessoas possuem casa própria?

<sup>4</sup> James Welton Johnson, "The Making of Harlem", *Survey Graphic*, março, 1925.

Que proporção da população é constituída por nômades, biscaiteiros e ciganos?

Por outro lado, certas vizinhanças urbanas sofrem de isolamento. Em diferentes épocas têm sido feitos esforços no sentido de reconstituir e dinamizar a vida nas vizinhanças citadinas e de colocá-las em contato com os interesses mais amplos da comunidade. Este é, em parte, o propósito dos domílios sociais. Estas e outras organizações, que tentam reconstituir a vida da cidade, têm desenvolvido certos métodos e uma técnica de estímulo e controle das comunidades locais. Em conexão com a investigação de tais agências, devemos estudar estes métodos e técnicas, uma vez que somente o método pelo qual os objetos são controláveis praticamente revela sua natureza essencial, o que vale dizer, seu caráter previsível (*Gesetzmissigkeit*).<sup>5</sup>

Em muitas das cidades européias, e até certo ponto nos EUA, a reconstrução da vida citadina levou até a edificação de subúrbios ajardinados, ou à substituição de habitações insalubres e decadentes por edifícios-modelo de propriedade e controle da municipalidade.

Em cidades americanas tem-se tentado renovar vizinhanças ruins pela construção de pátios de recreio e pela introdução da prática supervisionada de esportes de vários tipos, inclusive bailes municipais em salões de bailes municipais. Estas e outras atitudes, destinadas em primeiro lugar a elevar o tom moral das populações segregadas das grandes cidades, devem ser estudadas em conexão com a investigação da vizinhança em geral. Devem, em suma, ser estudadas não apenas em seu próprio benefício, mas pelo que nos podem revelar do comportamento humano e da natureza humana em geral.

*Colônias e áreas segregadas* — No meio citadino, a vizinhança tende a perder muito da significância que possui em formas de sociedade mais simples e primitivas. A facilidade de meios de comunicação e transporte, que possibilita aos indivíduos distribuir sua atenção e viver ao mesmo tempo em

<sup>5</sup> "Wenn wir daher das Wort [Natur] als einen logischen Terminus in der Wissenschaftslehre gebrauchen wollen, so werden wir sagen dürfen, dass Natur die Wirklichkeit ist mit Rücksicht auf ihren gesetzmässigen Zusammenhang. Diese Bedeutung finden wir z.B. in dem Worte Naturgesetz. Dann aber können wir die Natur der Dinge auch das nennen was in die Begriffe eingeht, oder am kürzesten uns dahin ausdrücken: die Natur ist die Wirklichkeit mit Rücksicht auf das Allgemeine. So gewinnt dann das Wort erst eine logische Bedeutung" (H. Rickert, *Die Grenzen der naturwissenschaftlichen Begriffsbildung*, p. 212).



Vários mundos diferentes, tende a destruir a permanência e a intimidade da vizinhança. Por outro lado, o isolamento das colônias raciais e de imigrantes nos assim chamados guetos onde exista preconceito racial, a intensificar a intimidade e a solidariedade dos grupos locais e de vizinhança. Onde indivíduos da mesma raça ou da mesma vocação vivem juntos em grupos segregados, o sentimento de vizinhança tende a se fundir com antagonismos de raça e interesses de classe. Distâncias físicas e sentimental reforçam uma à outra, e as influências da distribuição local da população participam com as influências de grande tem suas colônias raciais, tais como as *Chinatown*s de São Francisco e Nova York, a *Little Sicily* de Chicago, e vários outros tipos menos pronunciados. Em acréscimo a estas, a maioria das cidades tem seus distritos de vício segregados, tais de encontro para criminosos de vários tipos. Toda cidade grande de tem seus subúrbios ocupacionais, como os *Stockyards* em Chicago, e seus quistos residenciais, como *Brookline* em Boston, em Nova York, cada um com o tamanho e caráter de uma aldeia, vila ou cidade completamente separadas, exceto quanto à população que é de tipo seletivo. A mais notável destas cidades dentro de cidades, sendo sua característica mais interessante o fato de ser composta por pessoas da mesma raça, ou por pessoas de raças diferentes, mas da mesma classe social, é sem dúvida East London, com uma população de 2.000.000 de trabalhadores.

O povo da East London original agora extravasou e atravessou o Lea, e se espalhou por sobre os pântanos e brejos abaixo. Esta população criou novas cidades que eram anteriormente vilas rurais. West Ham, com uma população de cerca de 300.000 habitantes; East Ham, com 90.000; Stratford, com suas "filhas", 150.000; e outras "aldeias" similtarmente supercrescidas. Incluindo estas novas populações temos um agrégado de aproximadamente 2 milhões de pessoas. A população é maior que a de Berlim, Viena, S. Petersburgo ou Filadélfia.

É uma cidade cheia de igrejas e templos, entretanto não há catedrais, nem anglicanas, nem romanas; tem um número suficiente de escolas primárias, mas não tem escolas públicas ou ginásios, e não tem faculdades para educação superior nem universidade alguma; todo mundo lê jornais, entretanto não existe um jornal de East London à exceção dos de gênero menor e local... Nunca se vê nas ruas alguma carruagem

particular; não há bairro elegante algum... não se encontram senhoras nas artérias principais. Gente, lojas, casas, transportes — tudo marcado com o inconfundível selo da classe trabalhadora.

Talvez o mais estranho de tudo é que, numa cidade de dois milhões de pessoas, não há hotéis! O que significa, evidentemente, que não há visitantes.<sup>6</sup>

Nas cidades européas mais antigas, onde os processos de segregação já foram mais além, as distinções de vizinhança desenvolvem ser mais marcadas do que o são na América. East London é uma cidade de uma única classe, mas no interior de seus limites a população é repetidamente segregada por interesses raciais, culturais e vocacionais. O sentimento de vizinhança, profundamente enraizado na tradição e costumes locais, exerce uma decisiva influência seletiva sobre as populações das cidades européas mais antigas e transparece em última análise de maneira marcante nas características dos habitantes.

O que queremos saber dessas vizinhanças, comunidades raciais e áreas etnógenas segregadas, existentes dentro das grandes cidades e em suas orlas externas, é o que queremos saber de todos os demais grupos sociais:

Quais são os elementos de que se compõem?

Em que medida são eles o produto de um processo seletivo?

Como as pessoas entram e saem do grupo assim formado?

Quais são a permanência e estabilidade relativas de suas populações?

O que existe com relação à idade, sexo e condição social das pessoas?

O que existe com relação às crianças? Quantas nasceram e quantas permanecem?

Qual é a história da vizinhança? O que existe no subconsciente — nas experiências esquecidas ou facilmente lembradas — dessa vizinhança que determina seus sentimentos e atitudes?

O que existe perfeitamente consciente, isto é, quais são seus sentimentos, doutrinas etc... reconhecidos?

O que considera como situação de fato? O que é novo? Qual é o sentido geral de atenção? Que modelos imita e que representam eles dentro ou fora do grupo?

<sup>6</sup> Walter Besant, *East London*, pp. 7-9.

Qual é o ritual social, isto é, o que se deve fazer, a fim de evitar ser encarado com suspeita ou ser considerado estranho?

Quem são os líderes? Que interesses da vizinhança eles incorporam em si mesmos e qual é a técnica através da qual exercem o controle?

## II. A ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E A ORDEM MORAL

A cidade antiga era principalmente uma fortaleza, um lugar de refúgio em tempo de guerra. A cidade moderna, pelo contrário, é principalmente uma conveniência de comércio, e deve sua existência à praça do mercado em volta da qual foi erigida. A competição industrial e a divisão do trabalho, que provavelmente mais fizeram pelo desenvolvimento dos poderes latentes da humanidade, somente são possíveis sob a condição da existência de mercados, dinheiro e outros expedientes para facilitar os negócios e o comércio.

Um velho adágio alemão reza que "o ar da cidade liberta os homens" (*Stadt Luft macht frei*). Essa é, sem dúvida, uma referência ao tempo em que as cidades-livres da Alemanha gozavam o patrocínio do imperador, e as leis faziam ar da cidade um homem livre, caso lograsse respirar o não poderia ter libertado o artesão. Entretanto, a lei, por si só, ele pudesse vender os produtos de seu trabalho era um incidente necessário de sua liberdade, e o que completou a emancipação do servo foi a aplicação da economia monetária às relações de mestre e empregado.

Classes vocacionais e tipos vocacionais. — O velho adágio que descreve a cidade como o ambiente natural do homem livre ainda permanece válido na medida em que o indivíduo encontra nas possibilidades, na diversidade de interesses e tarefas, e na vasta cooperação inconsciente da vida citadina a oportunidade de escolher sua vocação própria e de desenvolver seus talentos individuais peculiares. A cidade oferece um mercado para os talentos específicos dos indivíduos. A competição pessoal tende a selecionar para cada tarefa específica o indivíduo mais adequado para desempenhá-la.

A diferença de talentos naturais em homens diferentes é, na verdade, muito menor do que podemos achar; e os gênios muito diferentes que surgem para distinguir os homens de profissões diferentes, quando desenvolvidos até a maturidade, não são em muitas ocasiões tanto a causa, mas o efeito da divisão

do trabalho. A diferença entre as pessoas mais dessemelhantes, entre um filósofo e um porteiro comum de rua, por exemplo, parece surgir não tanto da natureza, mas do hábito, costume e educação. Quando vêm ao mundo e durante os primeiros seis ou oito anos de sua existência, eles eram talvez bastante semelhantes, e tampouco seus pais ou companheiros de folgado poderiam perceber qualquer diferença notável. Por volta dessa idade, ou logo depois, vieram a ser empregados em ocupações diferentes. A diferença de talentos veio então a ser notada, e se amplia por graus, até que finalmente a vaidade do filósofo não deseja reconhecer praticamente semelhança alguma. Mas sem a disposição para o escambo, troca ou câmbio, todo homem deve ter buscado para si tudo o que era necessário e conveniente para a vida que desejava. Todos devem ter tido os mesmos deveres a desempenhar, e o mesmo trabalho a fazer, e não poderia ter havido tal diferença de emprego que pudesse sozinho dar ocasião a qualquer grande diferença de talento...

Sendo o poder de troca o que dá ocasião à divisão do trabalho, a extensão dessa divisão deve estar sempre limitada pela extensão daquele poder ou, em outras palavras, pela extensão do mercado... Há certas atividades que, mesmo no seu gênero mais rudimentar, em lugar algum podem ser desvolvidas, a não ser numa grande cidade.<sup>7</sup>

O sucesso, sob condições de competição pessoal, depende da concentração sobre alguma tarefa simples, e essa concentração estimula a demanda de métodos racionais, dispositivos técnicos e habilidade excepcional. A habilidade excepcional, embora baseada no talento natural, requer uma preparação especial, tendo provocado a existência de escolas profissionais e comerciais, e finalmente de serviços de orientação vocacional. Tais estes, quer direta ou indiretamente, servem a um tempo para selecionar e acentuar as diferenças individuais.

Talho dispositivo que facilita o comércio e a indústria prepara o caminho para uma nova divisão do trabalho e dessa forma tende posteriormente a especializar as tarefas nas quais o homem encontra suas vocações.

A consequência desse processo é a quebra ou modificação da antiga organização social e econômica da sociedade, que se baseava em laços familiares, associações locais, na tradição, casta e status, e sua substituição por uma organização baseada em interesses ocupacionais e vocacionais.

<sup>7</sup> Adam Smith, *The Wealth of Nations*, pp. 28-29.



Na cidade, qualquer vocação, mesmo a de mendigo, tende a assumir o caráter de profissão, e a disciplina que em qualquer vocação o sucesso impõe, junto com as associações a que dá força, acentua essa tendência — a tendência, explicitamente, não apenas de especializar, mas de racionalizar a ocupação de alguém e de desenvolver uma técnica consciente e específica de levá-la a termo.

O efeito das vocações e da divisão do trabalho é o de produzir, em primeira instância, não grupos sociais, mas tipos vocacionais: o ator, o bombeiro e o madeireiro. As organizações, tais como os sindicatos de profissionais e de ofícios, que homens do mesmo ofício ou profissão formam, estão baseadas em interesses comuns. Neste aspecto diferem das formas de associação tais como a vizinhança, que se baseiam na contiguidade, na associação pessoal e nos laços comuns à natureza humana. Os diferentes ofícios e profissões parecem dispostos a se agrupar em classes, isto é, classes profissionais, dentro as classes ainda não atingiram uma organização efetiva. O socialismo, fundado no esforço de criar uma organização baseada na "consciência de classe", jamais conseguiu, exceto talvez na Rússia, criar algo mais do que um partido político.

Os efeitos da divisão do trabalho enquanto disciplina, isto é, enquanto meios de moldar o caráter, podem portanto ser melhor estudados nos tipos vocacionais que a divisão do trabalho produziu. Entre os tipos cujo estudo poderia interessar estão: a vendedora, o guarda, o camelô, o chofer de táxi, o vigia noturno, a quilonante, o comediante do teatro reiro, o furrador de greve, o balconista de bar, o carcereiro, o repórter, o corretor de fundos públicos, o professor lamista; todos estes são produtos característicos das condições da vida citadina; cada um, com sua experiência, perspectiva e ponto de vista específicos, determina sua individualidade e cada grupo vocacional e para a cidade como um todo.

Até que ponto o grau de inteligência, representado nos diferentes ofícios e profissões, depende de capacidade natural? Até que ponto o caráter da ocupação e as condições sob as quais é praticada determinam a inteligência?

Até que ponto o sucesso nas ocupações depende de julgamento ponderado e de senso comum; até que ponto depende de capacidade técnica?

Capacidade inata ou treinamento especial determinam o sucesso nas diferentes vocações?

Qual o prestígio e quais os preconceitos associados a diferentes ofícios e profissões? Por quê?

A escolha da ocupação é determinada por considerações sentimentais, econômicas ou temperamentais?

Em que ocupações os homens se saem melhor? Por quê? E as mulheres? Por quê?

Em que medida a ocupação, mais do que a associação, é responsável pelas predileções morais e atitude mental? Homens da mesma profissão ou ofício, mas representando nacionalidades diferentes e grupos culturais diferentes, sustentam opiniões características e idênticas?

Até que ponto o credo social ou político, isto é, socialismo, anarquismo, sindicalismo etc... é determinado pela ocupação? Pelo temperamento?

Até que ponto a doutrina social ou o idealismo social invalidaram e substituíram a fé religiosa nas diferentes ocupações, e por quê?

As classes sociais tendem a assumir o caráter de grupos culturais? Vale dizer, as classes tendem a adquirir a exclusividade e independência de uma casta ou nacionalidade; ou cada classe é sempre dependente da existência de outra classe correspondente?

Em que medida os filhos seguem as vocações dos pais, e por quê?

Em que medida os indivíduos passam de uma classe à outra, e de que maneira este fato modifica o caráter das relações de classe?

As notícias e a mobilidade do grupo social. — A divisão do trabalho, ao fazer o sucesso individual depender da concentração de uma tarefa específica, teve o efeito de aumentar a interdependência das diversas vocações. Cria-se dessa forma uma organização social na qual o indivíduo passa cada vez mais a depender da comunidade de que é uma parte integrante. O efeito dessa crescente interdependência das partes, sob condições de competição pessoal, é criar na organização industrial como um todo um certo tipo de solidariedade social, mas solidariedade fundada não sobre sentimentos e o hábito, mas sobre uma comunidade de interesses.

No sentido em que os termos estão usados aqui, sentimento é o termo mais concreto, interesse o mais abstrato. Podemos acalentar um sentimento por uma pessoa, um lugar ou um objeto qualquer. Pode ser um sentimento de aversão ou um sentimento de posse. Mas possuir ou estar possuído

de um sentimento por, ou em relação a, qualquer coisa, significa que somos incapazes de agir com relação a esse algo de uma maneira completamente racional. Significa que o objeto de nosso sentimento corresponde de algum modo especial a alguma disposição herdada ou adquirida. Tal disposição é a aticção da mãe por seu filho, que é instintiva. Ou mesmo o sentimento que ela pode ter para com o berço da criança vazio, que é adquirido.

A existência de uma atitude sentimental indica que existem motivos para a ação, dos quais o indivíduo por eles movido não tem consciência plena; motivos sobre os quais ele apenas tem um controle parcial. Todo sentimento tem uma história, seja na experiência do indivíduo, ou na experiência da raça, mas a pessoa que age por esse sentimento pode não estar ciente de sua história.

Os interesses dirigem-se menos a objetos específicos do que aos fins que em um ou outro momento este ou aquele objeto particular encarna. Assim, os interesses implicam a existência de meios e de uma consciência da distinção entre meios e fins. Nossos sentimentos se relacionam a nossos preconceitos, e os preconceitos podem estar associados a qualquer coisa — pessoas, raças, bem como a coisas inanimadas. Os preconceitos estão relacionados também com os tabus, e assim tendem a manter “distâncias sociais” e a organização social existente. Sentimento e preconceito são formas elementares de conservadorismos. Nossos interesses são racionais e móveis, e provocam mudança.

O dinheiro é o principal artifício pelo qual os valores foram racionalizados e os sentimentos substituídos pelos intelectuais. É justamente porque não temos nenhuma atitude sentimental ou pessoal por nosso dinheiro, como acontece com um meio de troca valioso. Estaremos interessados em tornar certa quantidade de dinheiro a fim de atingirmos certo propósito, mas se pudermos atingir esse propósito por qualquer outra forma somos capazes de ficar satisfeitos do mesmo jeito. Somente o avarento se torna sentimental pelo dinheiro, mas neste caso ele é capaz de preferir um tipo de dinheiro, digamos ouro, a outro, indiferentemente de seu valor. Neste caso o valor do ouro é mais determinado por sentimentos pessoais do que pela razão.

Uma organização, que se compõe de indivíduos em competição, e de grupos de indivíduos em competição, acha-se em um estado de equilíbrio instável, e esse equilíbrio somente

pode ser mantido por um processo de contínuo reajustamento. Esse aspecto de vida social e este tipo de organização social estão melhor representados no mundo de negócios que é o objeto específico de investigação da Economia Política.

A extensão da organização industrial, que se baseia nas relações impessoais definidas pelo dinheiro, tem avançado passo a passo com uma crescente mobilidade da população. O trabalhador e o artesão apropriados para realizar uma tarefa específica são levados, sob as condições criadas pela vida citadina, a se mudar de uma região para outra à procura de um determinado tipo de emprego que estão capacitados a realizar. O fluxo de imigração que se movimenta para frente e para trás entre a Europa e a América é, até certo ponto, uma medida dessa mesma mobilidade.<sup>8</sup>

Por outro lado, o negociante, o proprietário de manufaturas, o profissional, o especialista em cada atividade, procuram seus clientes na medida em que as dificuldades de viagem e comunicação decrescem numa área de território sempre maior. Essa é outra maneira pela qual se pode medir a mobilidade da população. Entretanto, mede-se mobilidade num indivíduo ou numa população não apenas pela mudança de localidade, mas antes pelo número e variedade dos estímulos a que o indivíduo ou a população responde. A educação e a capacidade de ler, a extensão da economia monetária a um número de interesses da vida sempre crescente, na medida em que tende a despersonalizar as relações sociais, vêm ao mesmo tempo aumentando amplamente a mobilidade dos povos modernos.

O termo “mobilidade” da mesma forma que seu correlativo “isolamento” cobre uma ampla gama de fenômenos. Pode ao mesmo tempo representar um caráter e uma condição. Assim como o isolamento pode ser devido à existência de barreiras puramente físicas à comunicação ou à peculiaridade de temperamento e a uma carência de educação, também a mobilidade pode ser uma consequência de meios naturais de comunicação ou de maneiras apropriadas e de educação superior.

Hoje em dia reconhece-se claramente que o que normalmente chamamos de falta de inteligência em indivíduos, raças e comunidades frequentemente é um resultado do isolamento. Por outro lado, a mobilidade da população é inquestionavelmente um fator muito importante de seu desenvolvimento intelectual.

<sup>8</sup> Walter Bagehot, *The Postulates of Political Economy* (Londres, 1885), pp. 7-8.

Existe uma intensa conexão entre a imobilidade do homem primitivo e sua chamada incapacidade para usar idéias abstratas. O conhecimento que um camponês normalmente possui é, pela própria natureza de sua ocupação, concreto e pessoal. Ele conhece individualmente e pessoalmente cada membro do rebanho que tange. No decorrer dos anos ele se torna tão preso à terra que cultiva que sua mera transposição da faixa de terra onde cresceu para outra com a qual não está tão intimamente acostumado é sentida por ele como uma perda pessoal. Para este homem o vale vizinho ou mesmo a faixa de terra no outro lado da aldeia é, num certo sentido, território estranho. Grande parte da eficiência do camponês como trabalhador agrícola depende desse relacionamento pessoal e íntimo com as idiossincrasias de um só pedaço de terra no cuidado do qual tem crescido. Parece que, sob condições tais como estas, muito pouco do conhecimento prático do camponês tomará as formas abstratas da generalização científica. Ele pensa em termos concretos porque não conhece nem precisa de outros.

Por outro lado, as características intelectuais do judeu e seu geralmente reconhecido interesse em idéias abstratas e racionais estão inquestionavelmente ligados ao fato de que os judeus são, antes de mais nada, uma cultura citadina. O "judeu errante" adquire termos abstratos com os quais descreve as várias cenas que visita. Seu conhecimento do mundo está baseado em identidades e diferenças, isto é, em análise e classificação. Criado em íntima associação com o alvoroço e o negócio da praça do mercado, constantemente atento ao fascinante e sagaz jogo de compra e venda, no qual emprega a mais interessante das abstrações, o dinheiro, não tem nem oportunidade nem inclinação a cultivar aquele íntimo apegar-se a lugares e pessoas que é característico da pessoa imóvel.

A concentração das populações em cidades, os mercados maiores, a divisão do trabalho, a concentração de indivíduos e grupos em tarefas específicas têm continuamente mudado as condições materiais de vida, e assim fazendo têm realizado reajustamentos a novas condições cada vez mais necessários. A partir dessa necessidade têm-se desenvolvido numerosas organizações específicas que existem para o propósito específico de facilitar esses reajustes. O mercado que deu existência à cidade moderna é um desses dispositivos. Entretanto, mais interessantes são as trocas, especialmente a bolsa de valores e a junta de comércio, onde os preços estão constantemente sendo fixados em resposta às mudanças, ou melhor, aos relatórios

de mudanças nas condições econômicas através de todo o mundo.

Esses relatórios, na medida em que são calculados para causar reajustes, têm o caráter do que chamamos notícia. É a existência de uma situação crítica que converte em notícia o que, de outra forma, seriam meras informações. Onde exista uma possibilidade em jogo, onde, em suma, exista crise, aí a informação, que de uma forma ou de outra poderia afetar a solução, se torna "matéria viva", como dizem os jornalistas. Matéria viva é notícia; matéria morta é mera informação.

Qual é a relação entre mobilidade e sugestão, imitação etc.? Quais são os dispositivos práticos pelos quais a sugestibilidade e a mobilidade são aumentadas em uma comunidade ou em um indivíduo?

Existem condições patológicas correspondentes nas comunidades à histeria nos indivíduos? Se assim for, como se produzem e como são controladas?

Até que ponto a moda é uma indicação de mobilidade? Qual é a diferença na maneira pela qual as modas e os costumes são transmitidos?

O que é inquietação social e quais as condições sob as quais se manifesta?

Quais são as características de uma comunidade progressiva, e quais as de uma comunidade estática, com referência à sua resistência a sugestões novas?

Que características mentais do cigano, do biscateiro e do nômade podem geralmente ser relacionadas a estes hábitos nômades?

A bolsa de valores e a multidão. — Os valores, sobre cujas bases podemos observar a flutuação de preços em resposta às notícias das condições econômicas nas diferentes partes do mundo, são típicos. Reajustes similares estão ocorrendo em cada departamento da vida social, onde, entretanto, os mecanismos para se fazer esses reajustes não são tão completos e perfeitos. Por exemplo, os jornais profissionais e comerciais, que mantêm as profissões e o comércio informados a respeito de novos métodos, experiências e esquemas, servem para manter os membros dessas profissões e do comércio a par dos tempos, o que significa que eles facilitam os reajustes das condições em mudança.

Há, entretanto, uma importante distinção a ser feita: A competição na bolsa é mais intensa; as mudanças são mais rápidas e, com relação aos indivíduos diretamente interessados,

Quais são os efeitos do incremento da comunicação e notícias sobre as flutuações da bolsa de valores e as mudanças econômicas em geral?

( ) volume de ações movimentadas tende a exagerar as flutuações na Bolsa ou a estabilizá-las?

As reportagens dos jornais, na medida em que representam os fatos, tendem a acelerar mudanças sociais ou a estabilizar um movimento já em curso?

Qual é o efeito da propaganda e dos rumores nos casos em que as fontes de informações acuradas estão corcadas?

Até que ponto as flutuações da Bolsa podem ser controladas por regulamentação formal?

Até que ponto as mudanças sociais, greves e movimentos revolucionários podem ser controlados pela censura?

Até que ponto a previsão científica de mudanças econômicas e sociais pode exercer um controle útil sobre a tendência dos preços e dos acontecimentos?

Até que ponto os preços registrados pela Bolsa são comparáveis com a opinião pública registrada pelo jornal?

Até que ponto a cidade, que responde mais rápida e mais decisivamente aos acontecimentos em mudança, pode ser considerada o centro nervoso do organismo social?

### III. RELAÇÕES SECUNDÁRIAS E CONTROLE SOCIAL

Os métodos modernos de transporte e comunicação urbanos — o trem elétrico, o automóvel, o telefone e o rádio — têm mudado rápida e silenciosamente nos últimos anos a organização social e industrial da cidade moderna. Multiplicando os subúrbios residenciais e tornando possíveis os grandes mercados, eles têm sido os meios de concentração do comércio em determinadas zonas, tendo mudado todo o caráter do comércio varejista. Essas mudanças na organização industrial e na distribuição da população têm sido acompanhadas pelas mudanças correspondentes nos hábitos, sentimentos e caráter da população urbana.

A natureza geral dessas mudanças é indicada pelo fato de que o crescimento das cidades foi acompanhado pela substituição de relações diretas, face a face, "primárias", por relações indiretas, "secundárias", nas associações de indivíduos na comunidade.

Entendo por grupos primários aqueles caracterizados por associação e cooperação íntimas face a face. Eles são em vários

sentidos primários, mas principalmente no de que são fundamentais na formação da natureza social e dos ideais de cada indivíduo. Psicologicamente, o resultado da associação íntima é uma certa fusão de individualidades em um todo comum, de tal forma que o próprio ser individual, pelo menos para muitos fins, é a vida e o propósito comuns do grupo. Talvez a mais simples forma de se descrever essa totalidade é dizer que é um "nós"; ela envolve esse tipo de simpatia e identificação mútua para as quais "nós" é a expressão natural. Cada um vive no sentimento do todo e encontra os objetivos primordiais de sua vontade nesse sentimento...<sup>9</sup>

Tocar e ver, o contato físico, são as bases para a primeira e mais elementar inter-relação humana. Mãe e filho, marido e mulher, pai e filho, mestre e servo, parente e vizinho, sacerdote, médico e professor — estas são as mais íntimas e reais inter-relações da vida, e na comunidade pequena são praticamente inclusivas.

As interações que têm lugar entre os membros de uma comunidade assim constituída são imediatas e não reflexivas. O intercuro é desenvolvido amplamente dentro da região do instinto e do sentimento. O controle social surge, em sua maior parte, espontaneamente, em resposta direta a influências pessoais e ao sentimento público. É mais o resultado de uma acomodação pessoal do que a formulação de um princípio racional e abstrato.

*A igreja, a escola e a família.* — Numma cidade grande, onde a população é instável, onde pais e filhos estão empregados fora de casa e muitas vezes em partes da cidade distantes, onde milhares de pessoas vivem lado a lado durante anos sem nem ao menos um conhecimento de cumprimentar, essas relações íntimas do grupo primário se enfraquecem, e a ordem moral que sobre elas repousava dissolve-se gradativamente.

A maioria de nossas instituições tradicionais, a igreja, a escola e a família, tem sido, sob as influências desintegrantes da vida cittadina, grandemente modificada. A escola, por exemplo, tem assumido algumas das funções da família. Algo como um novo espírito de vizinhança e comunidade tende a se organizar em volta da escola e de sua solicitude pelo bem-estar físico e moral das crianças.

Por outro lado, a igreja, que tem perdido muito de sua influência desde que as páginas impressas vêm tão ampla-

<sup>9</sup> Charles Horton Cooley, *Social Organization*, p. 15.

Por exemplo, cada um desses grupos tem um ou mais jornais impressos em sua própria língua. Havia na cidade de Nova York, há uns poucos anos atrás, 270 publicações, em sua maioria sustentadas pela população local, impressas em 23 línguas diferentes. Havia em Chicago 19 jornais diários publicados em sete línguas estrangeiras e com uma circulação diária conjunta de 368.000 exemplares.

Sob essas condições, o ritual social e a ordem moral, que esses imigrantes trouxeram consigo de seus países de origem, conseguiram manter-se por um tempo considerável sob as influências do meio americano. O controle social, fundado nos *mores* do lar, se destróça entretanto na segunda geração.

Podemos expressar em termos gerais a relação da cidade com esse fato, dizendo que o efeito do meio urbano é intensificar todos os efeitos de crises.

O termo "crises" não deve ser entendido num sentido violento. Está envolvido em qualquer distúrbio de hábito. Há uma crise na vida do rapaz quando ele deixa o lar. A emancipação do negro e a imigração do camponês europeu são crises de grupo. Qualquer tensão de crise envolve três possíveis mudanças: maior adaptação, eficiência reduzida ou morte. Em termos biológicos, "sobrevivência" significa ajustamento bem sucedido a crise, tipicamente acompanhado por uma modificação de estrutura. Significa no homem estímulo mental e maior discernimento ou, no caso de fracasso, depressão mental.<sup>11</sup>

Sob as condições impostas pela vida de cidade, na qual os indivíduos e os grupos de indivíduos, extremamente distantes em simpatia e compreensão, vivem juntos sob condições de interdependência, se não de intimidade, as condições de controle social são grandemente alteradas e as dificuldades aumentadas.

O problema assim criado é usualmente caracterizado como um problema de "assimilação". Supõe-se que o motivo do rápido aumento do crime em nossas grandes cidades é devido ao fato de que o elemento estrangeiro de nossa população não tenha conseguido assimilar a cultura americana nem se conformado aos *mores* americanos. Se verdade, isto seria interessante, mas os fatos parecem sugerir que a verdade talvez devesse ser procurada na direção oposta.

<sup>11</sup> William I. Thomas, "Race Psychology: Standpoint and Questionnaire with Particular Reference to the Immigrant and Negro", *American Journal of Sociology*, XVII (maio de 1912), 736.

Um dos mais importantes fatos estabelecidos pela investigação diz respeito aos filhos nascidos na América de pais imigrantes — a "segunda geração". Os registros de condenações do Tribunal de Sessões Gerais de Nova York durante o período de 1.º de outubro de 1908 a 30 de junho de 1909, e os de todas as transgressões às instituições penais de Massachusetts, exceto as transgressões à fazenda estadual, durante o período anual terminado a 30 de setembro de 1909, formam a base dessa análise das tendências criminosas da segunda geração.

A partir desses registros, parece que existe uma tendência nítida por parte da segunda geração a diferir da primeira, ou geração imigrante, no caráter de sua criminalidade. Parece também que essa diferença é muito mais freqüentemente no sentido de aproximar-se da criminalidade típica da descendência nascida na América ou não-imigrante do que no sentido oposto. Isso significa que o movimento de crime da segunda geração se distancia dos crimes peculiares a imigrantes, aproximando-se daqueles peculiares ao americano de descendência nativa. Algumas vezes, esse movimento tem levado a criminalidade da segunda geração ainda além da dos nativos de descendência nativa. Um dos grupos da segunda geração, submetidos a essa comparação, mantêm uma aderência constante à regra geral acima referida, enquanto todos os outros deixam de segui-la em algum ponto. Este único grupo é a segunda geração irlandesa.<sup>12</sup>

O que nós observamos, como um resultado da crise, é que o controle, anteriormente baseado nos *mores*, foi substituído pelo controle baseado na lei positiva. Essa mudança segue paralela ao movimento pelo qual as relações secundárias substituíam as relações primárias na associação de indivíduos no meio citadino.

É característico dos Estados Unidos que grandes mudanças políticas devessem efetuar-se experimentalmente sob a pressão de agitação ou pela iniciativa de minorias pequenas, porém militantes. Provavelmente não há nenhum outro país no mundo no qual tantas "reformas" estejam em curso como nos Estados Unidos no momento presente. Na verdade, a reforma se tornou um tipo de "esporte caseiro" popular. As reformas assim efetuadas envolvem, quase sem exceção, algum tipo de restrição ou controle governamental sobre atividades que até

<sup>12</sup> *Reports of the United States Immigration Commission*, VI, 14-16.



crítico eram "livres" ou apenas controladas pelos *mores* e pela opinião pública.

O efeito dessa expansão do que se chama poder judicial tem sido produzir uma mudança não apenas na diretriz política fundamental da lei, mas no caráter e posição dos tribunais.

Os tribunais de juventude e moral ilustram uma mudança que talvez esteja ocorrendo em outro lugar. Nestes tribunais os juizes assumiram algo nas funções dos oficiais administrativos, consistindo seus deveres menos na interpretação da lei do que em prescrever remédios e dar conselhos com a intenção de reencaminhar a seu lugar normal na sociedade os delinquentes trazidos à sua frente.

Uma tendência similar de dar aos juizes ampla discricção e impor-lhes uma responsabilidade adicional é manifesta nos tribunais que têm de lidar com casos técnicos do mundo dos negócios, e no aumento da popularidade de comissões nas quais se combinam funções administrativas e judiciais como, por exemplo, a Comissão de Comércio Interestadual.

A fim de interpretar de modo fundamental os fatos referentes ao controle social, é importante começar-se com uma concepção clara da natureza da ação corporativa.

A ação corporativa começa quando há algum tipo de comunicação entre os indivíduos que constituem um grupo. A comunicação pode ocorrer em diferentes níveis; isto é, as gestões podem ser emitidas e respondidas nos níveis instintivo, sensomotor ou ideomotor. O mecanismo da comunicação é muito sutil, tão sutil, na verdade, que várias vezes é difícil conceber como as sugestões são transportadas de uma mente a outra. Isso não implica que haja qualquer forma de consciência, qualquer sentimento especial de parentesco ou consciência de espécie, necessários para explicar a ação corporativa.

Na verdade, foi recentemente demonstrado que no caso de certas sociedades altamente organizadas e estáticas, como a da bastante conhecida formiga, provavelmente nada do que se chama comunicação ocorre.

É um fato bastante conhecido que se uma formiga for retirada de um formigueiro e mais tarde for recolocada ela não será atacada, enquanto uma formiga que pertença a outro formigueiro será quase invariavelmente atacada. Tem sido costumeiro usar-se para a descrição desse fato as palavras memória, inimidade, amizade. Agora Bethé fez o seguinte experimento. Colocou uma formiga nos líquidos (sangue e linfa) extraídos dos corpos de companheiros de formigueiro, sendo então recolhada em seu formigueiro, sem que houvesse sido atacada. Co-

locada então no líquido tirado de moradores de um formigueiro "hostil", foi imediatamente atacada e morta.<sup>13</sup>

Outro exemplo do modo pelo qual as formigas se comunicam ilustrará guão simples e automática a comunicação se pode tornar no nível instintivo.

Uma formiga, quando pela primeira vez toma uma direção nova ao sair do formigueiro, volta sempre pelo mesmo caminho. Isso demonstra que algum rastro deve ser deixado atrás para seguir como guia de volta ao formigueiro. Se uma formiga ao retornar por esse caminho não traz nenhuma presa, Bethé descobriu que nenhuma outra formiga tenta essa direção. Mas se ela traz de volta mel ou açúcar, outras formigas certamente tentarão o caminho. E, por isso, algo das substâncias carregadas por este caminho pelas formigas deve permanecer no caminho. Essas substâncias devem ser suficientemente fortes para afetar as formigas quimicamente.<sup>14</sup>

O fato importante é que por meio desse artifício comparativamente simples a ação corporativa se torna possível.

Os indivíduos não só reagem um em relação ao outro dessa maneira reflexa, mas inevitavelmente comunicam seus sentimentos, atitudes e excitações orgânicas, e assim fazendo necessariamente reagem não apenas ao que cada indivíduo efetivamente faz, mas ao que ele pretende, deseja ou espera fazer. O fato de que os indivíduos traem outros sentimentos e atitudes dos quais eles mesmos apenas obscuramente são conscientes, possibilita o indivíduo *A*, por exemplo, a agir em função de motivos e tensões de *B* no momento, ou mesmo antes, de *B* ser capaz de fazê-lo. Ainda, *A* pode agir sobre as gestões que emanam de *B* sem que ele mesmo esteja claramente cômico da fonte de que surgem suas motivações. As reações que controlam indivíduos unidos em um processo sociopsicológico podem ser a tal ponto sutis e íntimas.

É sobre a base desse tipo de controle instintivo e espontâneo que qualquer tipo de controle mais formal se deve fundar a fim de ser efetivo.

As mudanças na forma de controle social podem ser agrupadas para fins de investigação sob os títulos gerâis:

1. A substituição do costume pela lei positiva e a extensão do controle municipal a atividades até então deixadas à discricção e iniciativa individuais.

<sup>13</sup> Jacques Loeb, *Comparative Physiology of the Brain*, pp. 220-21.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 221.



2. A disposição dos juizes dos tribunais municipais e criminaes para assumirem função administrativa de tal forma que a administração da lei criminal deixa de ser uma mera aplicação do ritual social e se torna uma aplicação de métodos racionais e técnicos, que requerem conhecimento ou conselho especializado, a fim de se reencaminhar o indivíduo à sociedade e reparar o mal que sua delinquência causou.

3. As mudanças e divergências nos *mores* de diferentes grupos segregados e isolados na cidade. Quais são, por exemplo, os *mores* da vendadora de loja?; do imigrante?; do político?; e do agitador trabalhista?

O objetivo dessas investigações deveria ser não apenas distinguir as causas dessas mudanças, a direcção em que se-guem, mas também as forças capazes de minimizá-las ou neutralizá-las. Por exemplo, é importante saber se os motivos que atualmente multiplicam as restrições positivas à vontade individual irão necessariamente tão longe neste país quanto já foram na Alemanha. Ocasionalmente elas, eventualmente, uma condição próxima do socialismo?

Vício comercializado e tráfico de bebidas. — O controle social sob as condições da vida citadina talvez possa ser melhor estudado nas suas tentativas de eliminar o vício e de controlar o tráfico de bebidas.

O bar e os estabelecimentos de vício surgiram como um meio de explorar os instintos e apetites fundamentais da natureza humana. Isto torna interessantes e importantes como objetos de investigação os esforços realizados para regulamentar e suprimir essas formas de exploração e tráfico.

Uma investigação desse tipo deveria basear-se no estudo exaustivo: 1) da natureza humana sobre a qual se erigiu o comércio; 2) das condições sociais que tendem a converter apetites normais em vícios sociais; 3) dos efeitos práticos dos esforços de limitação, controle e eliminação do tráfico do vício e para acabar com o uso e venda de bebidas.

Entre as coisas que desejaríamos saber estão:

Até que ponto o apetite para o estímulo alcoólico é uma disposição pré-natal?

Até que ponto tal apetite pode ser transferido de uma para outra forma de estímulo, isto é, do úsque para a cocaína etc.?

Até que ponto é possível substituir estímulos patológicos e viciosos por estímulos normais e saudáveis?

Quais são os efeitos sociais e morais da bebida em segredo?

Quando se estabelece o tabu cedo na vida, ele tem o efeito de idealizar os prazeres da satisfação do vício? Isso acontece em alguns casos e em outros não? Se assim é, quais as circunstâncias que contribuem para isso? As pessoas perdem repentinamente o gosto por bebidas e outros estímulos? Quais são as condições em que isso acontece?

Muitas destas perguntas podem ser respondidas apenas por um estudo de experiências individuais. Indubitavelmente os vícios, como certas formas de doença, têm sua história natural. Podem, portanto, ser considerados como entidades independentes que encontram seu *habitat* no meio urbano, são estimulados por certas condições, inibidos por outras, mas exibem invariavelmente, através de todas as mudanças, um caráter que é típico.

Em seus primeiros dias, o movimento de temperança tinha algo do caráter de uma campanha religiosa, e os efeitos eram altamente piorescos. Nos últimos anos, os líderes desenvolveram uma estratégia mais estudada, mas a luta contra o tráfico de bebidas ainda tem todas as características de um grande movimento popular, um movimento que, tendo inicialmente conquistado os distritos rurais, está agora procurando impor-se nas cidades.

Por outro lado, a cruzada contra o vício começou na cidade, de onde, na verdade, o vício comercializado é originário. A simples discussão em público sobre este assunto significou uma enorme mudança nos *mores* sexuais. É significativo o fato de coincidir este movimento, em toda parte, com a ascensão das mulheres e uma liberdade maior na indústria, nas profissões e nos partidos políticos.

Há condições peculiares à vida das grandes cidades (referidas sob o título "Mobilidade da População das Grandes Cidades") que tornam o controle do vício especialmente difícil. Por exemplo, cruzadas e movimentos geralmente não têm no meio citadino o mesmo sucesso que alcançam em comunidades menores e menos heterogêneas. Quais as condições que fazem com que isso aconteça?

Talvez os fatos mais mercedores de estudo com relação ao movimento para a suspensão do vício são aqueles que indicam as mudanças nos *mores* sexuais ocorridas nos últimos cinquenta anos, especialmente com referência ao que é considerado modesto ou imodesto no vestuário e no comportamento, e com referência à liberdade com que os assuntos sexuais são agora discutidos por jovens, moças e rapazes.

Parece, na verdade, como se estivessemos em presença de duas mudanças demarcadoras de épocas, uma que parece estar

definitivamente destinada a colocar as bebidas alcoólicas na categoria de drogas venenosas, e a outra a levantar o tabu que, especialmente entre os povos anglo-saxões, tem efetivamente impedido até o momento presente a discussão franca dos fatos do sexo.

*Política partidária e publicidade.* — Existe atualmente em toda parte uma disposição para aumentar o poder do ramo executivo do Governo às custas do ramo legislativo. A influência dos Legislativos estaduais e dos conselhos cidadãos tem diminuído em alguns casos pela introdução do referendo e pela revogação. Em outros, tem sido amplamente substituída pela forma de Governo por comissão. A razão ostensiva para essas mudanças é que elas oferecem um meio de derrubar o poder dos políticos profissionais. A base real parece-me ser o reconhecimento do fato de que a forma de Governo que tinha sua origem na assembléa da cidade, e que bem se adaptava às necessidades de uma comunidade pequena baseada em relações primárias, não é apropriada para o Governo das populações heterogêneas e em mudança de cidades de três ou quatro milhões de habitantes.

Muito, é claro, depende do caráter e do tamanho da população. Onde ela é de origem americana e o número de cidadãos eleitores não é grande demais para uma discussão calma e completa, não se pode imaginar melhor escola de política nem mais acertado método de controle dos negócios para evitar a corrupção e o desperdício, para estimular a vigilância e criar satisfação. Quando, porém, a assembléa cidadina cresceu além de setecentas ou oitocentas pessoas e, mais ainda, quando alguma seção considerável é constituída por estrangeiros, tais como irlandeses ou franco-canadenses, ultimamente vindos para a Nova Inglaterra, a instituição trabalha menos perfeita-mente porque a multidão é grande demais para o debate, as facções tendem a surgir, e os imigrantes, não-treinados em autogoverno, se tornam presa de demagogos mesquinhos e de indivíduos que manobram por trás dos bastidores.<sup>15</sup>

Por um lado, os problemas do Governo cidadão tornaram-se tão complicados com o crescimento e a organização da vida cidadina que não é mais desejável deixá-los ao controle de homens cuja única qualificação para orientá-los consiste no fato de haverem conseguido ganhar o Governo através da maquinaria comum da política de bairro.

<sup>15</sup> James Bryce, *The American Commonwealth*, I, 566.

Outra circunstância que tornou pouco prática, sob as condições da vida cidadina, a seleção dos funcionários cidadãos por voto popular é o fato de que, exceto em casos especiais, o eleitor pouco ou nada sabe sobre o funcionário por quem vota; pouco ou nada sabe sobre as funções do cargo para o qual aquele funcionário se elege; e, além de tudo o mais, está muito ocupado em outra coisa para se informar das condições e necessidades da cidade como um todo.

Numa recente eleição em Chicago, por exemplo, convocaram-se os eleitores para selecionarem candidatos de um quadro contendo 250 nomes, a maioria dos quais desconhecida para o eleitor. Sob essas circunstâncias, o cidadão que deseja votar inteligentemente confia em alguma organização ou em algum conselheiro mais ou menos interessados para lhe dizem como votar.

Para responder a essa emergência, primariamente criada por condições impostas pela vida cidadina, surgiram dois tipos de organização para controlar aquelas crises artificiais que chamamos eleições. Uma delas é a organização representada pelo chefe político e pela máquina política. A outra é a representada pelas ligas dos eleitores independentes, pelas associações dos contribuintes e por organizações como os escritórios de pesquisa municipal.

Uma indicação das condições bastante primitivas em que se formaram nossos partidos políticos é que eles procuraram governar o país com o princípio de que o remédio para todos os tipos de males administrativos era uma mudança de Governo, expressa numa frase popular — “expulsar os velhaços”. A máquina política e o chefe político surgiram no interesse da política partidária. Os partidos eram necessariamente organizados para vencer as eleições. A máquina política é apenas um instrumento técnico inventado com o propósito de atingir este fim. O chefe é o perito que opera a máquina. Ele é tão necessário para a vitória nas eleições quanto um treinador profissional é necessário para o sucesso no futebol.

É característico dos dois tipos de organização, que se desenvolveram com o propósito de controlar o voto popular, que o primeiro, a máquina política, baseia-se em última análise em relações locais e pessoais, isto é, primárias. O segundo, as organizações por um bom Governo, faz seu apelo ao público, e o público, como normalmente entendemos esta expressão, é um grupo baseado em relações secundárias. Os membros de um público, em regra, não se conhecem pessoalmente.

A máquina política é, de fato, uma tentativa de manter, dentro da organização administrativa formal da cidade, o con-

trôle de um grupo primário. As organizações assim constituídas, das quais o *Tammany Hall* é a lustração clássica, parecem ser profundamente feudais em seu caráter. As relações entre o chefe e seu cabo eleitoral parecem ser exatamente as envolvidas na relação feudal: por um lado, de lealdade pessoal, e, por outro, de proteção pessoal. As virtudes que tal organização demonstra são aquelas velhas virtudes tribais de fidelidade, lealdade e devoção aos interesses do chefe do clã. As pessoas internas à organização, seus amigos e sustentadores, constituem um grupo "nós", enquanto o resto da cidade e meramente o mundo exterior, que não está propriamente vivo, nem é propriamente humano, no sentido em que os membros do grupo "nós" é e está. Temos aqui algo que se aproxima das condições sociais da sociedade primitiva.

A concepção de "sociedade primitiva" que devemos formar é a de pequenos grupos espalhados por um território. O tamanho dos grupos é determinado pelas condições da luta pela existência. A organização interna de cada grupo corresponde a seu tamanho. Um grupo de grupos pode ter alguma relação um com o outro (parentesco, vizinhança, aliança, *comunitium* e *commercium*) que os reúne e os diferencia de outros. Assim surge uma diferenciação entre nós mesmos, o grupo "nós", ou grupo interno,\* e todo mundo mais, ou os grupos dos outros, ou grupos externos.\*\* Os que estão dentro de um grupo "nós" estão numa relação um com o outro de paz, ordem, lei, Governo e indústria. Sua relação com todos os forasteiros, ou grupos dos outros, é de guerra e saque, exceto na medida em que os acordos a têm modificado.

A relação de camaradagem e paz no grupo "nós" e a de hostilidade e guerra contra os grupos dos outros são correlativas uma com a outra. As exigências de guerra com os forasteiros são o que garante a paz no interior, ou a discórdia interna enfraqueceria o grupo "nós" para a guerra. Essas exigências também garantem o Governo e a Lei no grupo interno, a fim de evitar rixas e impor a disciplina.<sup>16</sup>

→ A política da maioria das cidades grandes oferece material abundante para o estudo do tipo representado pelo chefe político, bem como dos mecanismos sociais criados e incorporados pela máquina política. É necessário, contudo, que os estudantes despaixonadamente. Algumas das perguntas a que deveríamos procurar responder são:

\* N. do T. — No original: *we-group* e *in-group*.

\*\* N. do T. — No original: *others-groups* e *out-groups*.

<sup>16</sup> Sumner, *Folkways*, p. 12.

→ O que é, na realidade, a organização política em um ponto qualquer da cidade? Quais os sentimentos, as atitudes e os interesses que encontram expressão por seu intermédio?

→ Quais os dispositivos práticos que emprega para a mobilização de suas forças e para colocá-las em ação?

→ Qual o caráter da atração exercida pelo partido nas diferentes regiões morais de que é feita a cidade?

→ Até onde o interesse na política é prático e até onde é mero esporte?

→ Que parcela do custo das eleições constitui a publicidade? Que quantidade dela pode ser classificada como "publicidade educacional", e quanto é pura demagogia?

→ Até que ponto, nas condições existentes, e especialmente como as encontramos nas cidades grandes, as eleições podem ser controladas praticamente por artifícios puramente técnicos, fichário de endereços, passetas à luz de tochas, maquinaria discursiva?

Que efeito terá a introdução do referendo e da revogação sobre os métodos atuais de conduzir eleições nas cidades?

*Propaganda e controle social.* — Em contraste com a máquina política, que fundou sua ação organizada sobre os interesses imediatos, locais e pessoais, representados pelas diferentes vizinhanças e localidades, as organizações para um bom Governo, os escritórios de pesquisa municipal e similares tentaram representar os interesses da cidade como um todo, fazendo apelo a um sentimento que nem é local nem pessoal. Essas agências procuraram assegurar a eficiência e o bom Governo pela educação do eleitor, isto é, investigando e publicando os fatos referentes ao Governo.

Nesse sentido a publicidade passou a ser uma forma de controle social reconhecida, e a propaganda — "propaganda social" — se tornou um profissão com uma técnica elaborada sustentada por um corpo de conhecimentos específicos.

Um dos fenômenos característicos da vida citadina e da sociedade baseada em relações secundárias é que a propaganda visse a ocupar um lugar tão importante em sua categoria.

Nos últimos anos, todo indivíduo e toda organização, que tenha de lidar com o público, isto é, com o público fora das comunidades da aldeia e da cidade pequena, menores e mais íntimas, vieram a ter seu agente de publicidade, que cada vez é menos um publicista do que um diplomata acreditado junto aos jornais, e através deles junto ao mundo. Instituições como a Russell Sage Foundation e, num âmbito menor, a Junta de

Educação Geral, procuraram influenciar diretamente a opinião pública por intermédio da publicidade. O Relatório Carnegie sobre Educação Médica, o Levantamento de Pittsburgh, o Relatório da Russell Sage Foundation sobre Custos Comparativos da Educação Escolar Pública nos vários estados são algo mais do que relatórios científicos. São antes uma forma elevada de jornalismo, lidando criticamente com condições existentes e procurando provocar reformas radicais através da agência de publicidade. O trabalho do Escritório de Pesquisa Municipal de Nova York teve um objetivo prático similar. Acrescenta-se a estes o trabalho realizado pelos relatórios do bem-estar infantil, pelos levantamentos sociais empreendidos em diferentes partes do país, e por propaganda similar em prol da saúde pública.

A opinião pública torna-se importante, como uma fonte de controle social em sociedades baseadas em relações secundárias, de que as cidades grandes são típicas. Na cidade, todo grupo social tende a criar seu meio próprio e, na medida em que essas condições se fixam, os *mores* tendem a se acomodar às condições assim criadas. Nos grupos secundários e na cidade, a moda tende a substituir o costume, e a opinião pública, mais do que os *mores*, se torna a força dominante do controle social.

→ Em qualquer tentativa de compreensão da natureza da opinião pública e de sua relação com o controle social, é importante investigar, antes de mais nada, as medidas e os mecanismos que passaram a ser utilizados praticamente no esforço de controlar, esclarecer e explorá-la.

→ Destes o primeiro e o mais importante é a imprensa, isto é, o jornal diário e outras formas de literatura usuais, inclusive livros considerados de ampla circulação.<sup>17</sup>

Depois do jornal, os escritórios de pesquisa, atualmente surgindo em todas as cidades grandes, são os mecanismos para o uso da publicidade como meio de controle social mais interessantes e promissores.

Os frutos dessas investigações não atingem o público diretamente, mas são disseminados por intermédio da imprensa, do púlpito e de outras fontes de esclarecimento popular.

Além destes, existem as campanhas educacionais em prol de melhores condições de saúde, relatórios do bem-estar infantil e os numerosos artifícios de "propaganda social" atualmente empregados, algumas vezes por iniciativa de sociedades privadas, outras por iniciativa de jornais ou revistas populares, a fim

<sup>17</sup> Cf. Bryce, *The American Commonwealth*, p. 267.

de educar o público e alistar a massa do povo no movimento para a melhoria das condições da vida comunitária.

O jornal é o grande meio de comunicação dentro da cidade, e é na base da informação fornecida por ele que se baseia a opinião pública. A primeira função que um jornal preenche é a que anteriormente o falatório desempenhava na aldeia.

Entretanto, apesar da diligência com que os jornais procuram fatos de informação pessoal e de interesse humano, não podem competir com o falatório da aldeia como meio de controle social. Uma das razões é que o jornal mantém algumas reservas não-reconhecidas pelo falatório em assuntos de informação pessoal. Por exemplo, até o momento em que se candidatem a um cargo ou cometem algum outro ato manifesto, que os traz nitidamente diante do público, a vida privada de homens ou mulheres é um assunto-tabu para os jornais. Isso não acontece com o falatório, em parte porque numa comunidade pequena, indivíduo algum é tão obscuro que seus negócios privados escapem à observação e discussão; e em parte porque o campo é menor. Em comunidades pequenas há uma quantidade verdadeiramente espantosa de informação pessoal à tona entre os indivíduos que as compõem.

A ausência disso na cidade é que, em grande parte, faz da cidade o que ela é.

Algumas das perguntas que surgem com relação à natureza e função do jornal e da publicidade são em geral:

O que é notícia?

Quais os métodos e motivações do jornalista? São os de um artista?; os de um historiador?; ou apenas os de um comerciante?

Até que ponto o jornal controla e até que ponto é controlado pelo sentimento público?

O que é uma "nota falsa" e por quê?

O que é jornalismo amarelo e por que é amarelo?

→ Qual seria o efeito de fazer do jornal um monopólio municipal?

Qual é a diferença entre propaganda e notícia?

#### IV. O TEMPERAMENTO E O MEIO URBANO

As cidades grandes sempre foram o cadinho de raças e de culturas. A partir das interações sutis e vívidas de que têm sido os centros, surgem as novas variedades e os novos tipos

socialis. As cidades grandes dos Estados Unidos, por exemplo, tiraram do isolamento de suas aldeias natais grandes massas de populações rurais da Europa e da América. Sob o impacto de novos contatos, as energias latentes desses povos primitivos se libertaram, e os processos mais sutis de interação trouxeram a existência não apenas de tipos vocacionais, mas de tipos temperamentais.

*A mobilização do homem individual* — O transporte e a comunicação efeturaram, entre muitas outras mudanças silenciosas mas penetrantes, o que chamei de "mobilização do homem individual". Multiplicaram as oportunidades do homem individual quanto ao contato e associação com seus semelhantes, mas tornaram esses contatos e associações mais transitórios e menos estáveis. Uma parcela bem grande das populações das cidades grandes, inclusive as que constituem seu lar em casas de cômodo ou apartamentos, vivem em boa parte como as pessoas em algum grande hotel, encontrando-se mas sem se conhecer umas às outras. O efeito disso é substituir as associações mais íntimas e permanentes da comunidade menor por uma relação casual e fortuita.

Sob essas circunstâncias o *status* do indivíduo é determinado num grau considerável por sinais convencionais — por moda e "aparência" — e a arte da vida reduz-se em grande parte a esquivar sobre superfícies finas e a um escrupuloso estudo de estilos e maneiras.

Não somente o transporte e a comunicação, mas também a segregação da população urbana tendem a facilitar a mobilidade do homem individual. Os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram. Isso possibilita ao indivíduo passar rápida e facilmente de um meio moral a outro, e encoraja a experiência fascinante, mas perigosa, de viver ao mesmo tempo em vários mundos diferentes e contíguos, mas de outras formas amplamente separados. Tudo isso tende a dar à vida citadina um caráter superficial e adventício; tende a complicar as relações sociais e a produzir tipos individuais novos e divergentes. Introduz, ao mesmo tempo, um elemento de acaso e aventura que se acrescenta ao estímulo da vida citadina e lhe confere uma atração especial para nervos jovens e frescos. O atrativo das cidades grandes é talvez uma consequência de estímulos que agem diretamente sobre os reflexos. Enquanto tipo de comportamento humano, pode ser explicado, numa espécie de tropismo, como a atração de uma mariposa pela chama.

Entretanto, a atração da metrópole é em parte devida ao fato de que a longo prazo cada indivíduo encontra em algum lugar entre as variadas manifestações da vida citadina o tipo de ambiente no qual se expande e se sente à vontade; encontra, em suma, o clima moral em que sua natureza peculiar obtém os estímulos que dão livre e total expressão a suas disposições inatas. São motivações desse tipo, suscitadas eu, que têm suas bases não no interesse, nem mesmo no sentimento, mas em algo mais fundamental e primitivo, que trazem muitos, se não a maioria de jovens e mulheres, da segurança de suas casas no interior para a grande e atordoante confusão e excitação da vida citadina. Na comunidade pequena, o homem normal, o homem sem excentricidade ou gênio, é o que parece mais tendente a se realizar. Poucas vezes a comunidade pequena tolera a excentricidade. A cidade, pelo contrário, a recomenda. Nem o criminoso, nem o defeituoso, nem o gênio, tem na cidade pequena a mesma oportunidade de desenvolver sua disposição inata que invariavelmente encontra na cidade grande.

Há cinqüenta anos, toda aldeia tinha um ou dois tipos excêntricos que eram normalmente tratados com uma tolerância benevolente, mas que eram entretamente considerados esquisitos e intratáveis. Esses indivíduos excepcionais viveram uma existência isolada, separados do intercursu genuinamente íntimo com seus colegas, por suas próprias excentricidades, quer de gênio, quer de delicência. Se tinham a potencialidade de criminosos, as restrições e inibições da comunidade pequena os faziam inofensivos. Se tinham em si a substância do gênio, permaneciam estêreis por falta de apreciação ou oportunidade. A estória de Mark Twain *Pudd'n Head Wilson* é uma descrição de um desses gênios obscuros e não apreciados. Como

*Muita é a flor que nasce rósea sem ser vista  
Desperdiçando seu perfume no ar deserto.*

Gray escreveu a "Elegia no Pátio de uma Igreja do Campo" antes do surgimento da metrópole moderna.

Na cidade, muitos desses tipos divergentes encontram um meio no qual, para o bem ou para o mal, suas disposições e talentos dão frutos.

Na investigação desses tipos excepcionais e temperamentais que a cidade produz, deveríamos procurar distinguir, na medida do possível, entre as qualidades mentais abstratas em que se baseia a excelência técnica e as características inatas mais



fundamentais que encontram expressão no temperamento. Portanto, perguntar:

Até que ponto as qualidades morais dos indivíduos estão presentes no caráter-inato? Até que ponto são hábitos convencionalizados do grupo, impostos a eles ou por eles assumidos?

Quais as qualidades e as características inatas sobre as quais se baseia o caráter moral ou imoral aceito e convencionalizado pelo grupo?

Que conexão ou que dissociação parece existir entre as qualidades morais e mentais dos grupos e dos indivíduos que os compõem?

Os criminosos são em regra de ordem de inteligência mais baixa que os não-criminosos? Se assim é, que tipos de inteligência se associam a diferentes tipos de crime? Por exemplo, ladrões profissionais e homens de confiança profissionais representam tipos mentais diferentes?

Quais os efeitos sobre esses diferentes tipos (mentais) do estímulo e da repressão, do isolamento e da mobilidade?

Até que ponto os pálios de recreio e outros tipos de recreação podem fornecer o estímulo que, de outra forma, é procurado em prazeres viciosos?

Até que ponto a orientação vocacional pode auxiliar os indivíduos a encontrar vocações em que serão capazes de obter uma expressão livre de suas qualidades temperamentais?

*A região moral.* É inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão, quer sejam proporcionadas por corridas de cavalos ou pela ópera, devam de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que, dentro da organização que a vida cidadã assume espontaneamente, a população tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e seus temperamentos. A distribuição da população resultante tende a ser bastante diferente daquela ocasionada por interesses ocupacionais ou por condições econômicas.

Cada vizinhança, sob as influências que tendem a distinguir e a segregar as populações citadinas, pode assumir o caráter de uma "região moral". Assim são, por exemplo, as zonas do vício encontradas na maioria das cidades. Uma região moral não é necessariamente um lugar de domicílio. Pode ser apenas um ponto de encontro, um local de reunião.

Com o intuito de entender as forças que em toda cidade grande tendem a desenvolver esses ambientes isolados nos quais os impulsos, as paixões e os ideais vagos e reprimidos

se emancipam da ordem moral dominante, é necessário referir-se ao fato ou teoria dos impulsos latentes dos homens.

A verdade parece ser que os homens são trazidos ao mundo com todas as paixões, instintos e apetites, incontrolados e indisciplinados. A civilização, no interesse do bem-estar comum, requer algumas vezes a repressão, e sempre o controle, dessas disposições naturais. No processo de impor sua disciplina ao indivíduo, de refazer o indivíduo de acordo com o modelo comunitário aceito, grande parte é completamente reprimida, e uma parte maior encontra uma expressão substituta nas formas socialmente valorizadas ou pelo menos inócuas. É nesse ponto que funcionam o esporte, a diversão e a arte. Permitem ao indivíduo se purgar desses impulsos selvagens e reprimidos por meio de expressão simbólica. É esta a catarse de que Aristóteles escreve em sua *Poética*, e à qual têm sido dadas significações novas e mais positivas pelas investigações de Sigmund Freud e dos psicanalistas.

Não há dúvida de que muitos outros fenômenos sociais como greves, guerras, eleições populares e movimentos religiosos desempenham uma função similar ao libertar as tensões subconscientes. Mas há, no interior de comunidades pequenas, onde as relações sociais são mais íntimas e as inibições mais imperativas, muitos indivíduos excepcionais que não encontram dentro dos limites da atividade comunal nenhuma expressão normal e saudável de suas aptidões e temperamentos individuais.

As causas que fazem surgir o que aqui descrevemos como "regiões morais" são devidas em parte às restrições que a vida urbana impõe; e em parte à permissibilidade que essas mesmas condições oferecem. Temos dado muita atenção, até bem recentemente, às tentações da vida citadina, mas não temos dedicado a mesma consideração aos efeitos das inibições e repressões de impulsos e instintos naturais sob as condições transformadas da vida metropolitana. Por um lado, as crianças que no campo são consideradas uma vantagem se tornam na cidade uma responsabilidade. Afora isso, é muito mais difícil criar uma família na cidade do que na fazenda. Na cidade, o casamento acontece mais tarde, e algumas vezes não acontece de jeito nenhum. Esses fatos têm consequências cuja significação somos ainda totalmente incapazes de estimar.

A investigação dos problemas envolvidos bem poderia começar por um estudo e comparação dos tipos característicos de organização social existentes nas regiões referidas.



Quais os fatos externos referentes à vida boêmia, ao submundo, à zona proibida, e a outras "regiões morais" de caráter menos pronunciado?

Qual a natureza das vocações ligadas à vida comum dessas regiões? Quais os tipos mentais característicos atraídos pela liberdade que oferecem?

Como os indivíduos se orientam nessas regiões? Como escapam delas?

Até que ponto as regiões referidas são o produto da licenciosidade; até que ponto são devidas às restrições impostas ao homem natural pela vida citadina?

*Temperamento e contágio social* — O que concede uma importância especial à segregação do pobre, do viciado, do dimensão tão característica da vida citadina, de que o contágio social tende a estimular em tipos divergentes as diferenças temperamentais comuns, e a suprimir os caracteres que os unem aos tipos normais à sua volta. A associação com outros de sua laia proporciona não apenas um estímulo, mas também um suporte moral para os traços que têm em comum, suporte que não encontrariam em uma sociedade menos selecionada. Na cidade grande, o pobre, o viciado e o delinqüente, comprimidos um contra o outro numa intimidade mútua doentia e contagiosa, vão-se cruzando exclusivamente entre si, corpo e alma, de um modo que muitas vezes me faz pensar que aquelas extensas genealogias dos Jukes e das tribos de Ismael não teriam demonstrado uma uniformidade de vício, crime e pobreza tão persistente e tão angustiante a menos que estivessem adequadas da maneira peculiar ao meio em que foram condenadas a existir.

Devemos então aceitar essas "regiões morais" e a gente mais ou menos excepcional e excêntrica que as habita, num sentido, ao menos, como parte da vida natural, se não normal, de uma cidade.

Não é preciso entender-se pela expressão "região moral" um lugar ou uma sociedade que é necessariamente ou criminosa ou anormal. Antes, ela foi proposta para se aplicar a regiões onde prevaleça um código moral divergente, por uma região em que as pessoas que a habitam são dominadas, de uma maneira que as pessoas normalmente não o são, por um gosto, por uma paixão, ou por algum interesse que tem sua raiz diretamente na natureza original do indivíduo. Pode ser uma arte, como a música, ou um esporte, como a corrida de cavalos. Tal região diferiria de outros grupos sociais pelo fato

de seus interesses serem mais imediatos e mais fundamentais. Por essa razão, suas diferenças tendem a ser devidas mais a um isolamento intelectual.

Devido à oportunidade que oferece, especialmente aos tipos de homens excepcionais e anormais, a cidade grande tende a dissecar e a desvendar à vista pública e de maneira maciça todos os traços e caracteres humanos normalmente obscurecidos e reprimidos nas comunidades menores. Em suma, a cidade mostra em excesso o bem e o mal da natureza humana. Talvez seja este fato, mais do que qualquer outro, que justifica a perspectiva que faz da cidade um laboratório ou clínica onde a natureza humana e os processos sociais podem ser estudados convenientemente e proveitosamente.

